



Televisão e Cidadania: Apontamentos a partir da Experiência do Programa Fala Comunidade¹.

Clarissa Pippi de Medeiros²

Centro Universitário Franciscano

Resumo

O reconhecimento da importância do espaço televisivo que gere informações relevantes no âmbito social, sem fins comerciais, é necessário. Com a função de transmitir as mensagens contidas em diferentes universos sociais, sem a intenção de especulação de valores negativos, o Programa Fala Comunidade incorpora o papel de estímulo às produções solidárias, que contribuem para o desenvolvimento social de moradores de regiões menos favorecidas. Uma TV Comunitária que funciona como um espelho da vida de seus moradores. Desta forma, busca-se garantir o despertar da dignidade, o autoconhecimento e a cidadania, por meio de um programa televisivo que mostra assuntos às vezes esquecidos pela mídia tradicional, como o cotidiano de pequenas comunidades e seus projetos que procuram valorizar a cultura local.

Palavras-chave

Cidadania; Televisão; Comunicação Comunitária

Corpo do trabalho

O projeto Fala Comunidade desenvolve ações ligadas a cidadania e relações sociais nas periferias da cidade de Santa Maria- RS. Desde a construção até as primeiras concretizações do projeto, muitas mudanças ocorreram na estruturação e desenvolvimento dos seus objetivos. A equipe que participou do projeto de extensão teve que se deslocar até cada um dos locais posteriormente filmados, e o encontro firmado entre a equipe e moradores locais foram acontecendo gradativamente, até que o material resultante incidisse em uma linguagem acessível. O material que foi captado amplia nosso conhecimento sobre a experiência de cada família ou contribuintes desse processo de reconstrução da imagem e identificação social.

¹ Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na Divisão Temática de Jornalismo, do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Graduanda em Jornalismo, no Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), Santa Maria (RS), sob orientação da Profa. Maria Cristina Tonetto. Atuou, em regime de estágio, como assessora de imprensa, no **Palácio Piratini (Porto Alegre/RS)**, e como produtora na **Rádio Santamariense (Santa Maria/RS)**.



O propósito primordial desse projeto em produção áudio-visual é conhecer um pouco mais das relações estruturadas em meio a situações de baixa renda e estabelecer um vínculo com outras sociedades sempre com o propósito de obter um reconhecimento e engrandecimento da realidade existente nesses locais. Trata-se de um programa que será veiculado semanalmente, com duração de 15 minutos, onde proporcionaremos uma oportunidade de “autoconhecimento” de forma solidária ajudando no desenvolvimento da cidadania dos moradores. As gravações serão veiculadas na TV da Unifra (Centro Universitário Franciscano) e visam defender a cultura local mostrando a diversidade cultural existente em cada comunidade.

Em decorrência do projeto tivemos que ir ao encontro de nossos entrevistados e pertencentes aos lugares visitados, onde muitas vezes houve a nítida sensação de estarmos fazendo parte da vida de cada um deles, durante os depoimentos era possível sentir destravar cada porta que dava acesso ao mundo cultural e legítimo que cada membro descrevia. A tristeza e a sensação de impotência também fizeram parte de nossa rotina, onde os acadêmicos em muitos momentos depararam-se com realidades que talvez até o momento não tinham conhecimento da existência.

Sempre procuramos conversar com a maior quantidade possível de pessoas, e principalmente com as crianças que em palavras inocentes e sinceras muitas vezes esclareceram para nossa produção o que de fato ocorria em suas casas e vidas e qual seria sua perspectiva de futuro.

No momento da produção e desenvolvimento do projeto utilizamos teóricos ligados a comunicação comunitária que situaram em nossas abordagens e facilitaram nossa relação, priorizando as trocas que enriqueceram o trabalho juntamente com as comunidades visitadas.

Os teóricos que buscamos o apoio durante o desenvolvimento do projeto do Programa Fala Comunidade são, Raquel Paiva, Marcio Simione, Cecília Peruzzo, entre outros pesquisadores afins, citados no decorrer de nosso texto.

Para a elaboração e edição do programa Fala Comunidade buscamos inspiração em documentários de Eduardo Coutinho, utilizando documentários como Edifício Máster, que possuem em seu conteúdo relatos de vida e experiências sociais e profissionais.

A produção deste programa televisivo e apresentação serão de responsabilidade dos alunos, o que possibilita uma maior aproximação dos acadêmicos com as comunidades periféricas de Santa Maria.



A riqueza do programa televisivo vai estar presente no cotidiano e nas ações realizadas pela comunidade de Santa Maria. Os projetos, as festas, os jovens, as famílias, o esporte, enfim, mostrar situações como essas e os resultados positivos que isso pode proporcionar, permitindo que as pessoas destas localidades se relacionem, troquem informações e aprendam com as experiências descritas por outros grupos.

A TV Comunitária parte dessa premissa para, antes de tudo, funcionar como um mágico e reluzente espelho de determinada população, fator de grande interesse para uma possível ação política de promoção de cidadania, quando este 'circuito visual' - ver-se e a seus pares fazendo-se ver - é parte de um projeto dialógico de construção coletiva de uma imagem pública mais potente. (GREGO, 1997, p. 3)

A visita dos alunos nas comunidades tem como objetivo o aproveitamento dos assuntos abordados continuamente por cada uma dessas localidades, onde os temas podem ser explorados e servirão como sugestão para outras entrevistas realizadas pelo programa.

Aumentar a dignidade e o auto conhecimento dos moradores dos locais visitados é uma forma de enriquecer tanto o conteúdo transmitido pelo programa como a valorização de locais pouco conhecidos na cidade de Santa Maria.

O programa Fala Comunidade é um espaço televisivo que foi idealizado com o intuito de veicular entrevistas e relatos das comunidades da periferia de Santa Maria, na programação da TV UNIFRA, onde questões ligadas a comunicação comunitária pudessem existir. Desde os primeiros encontros com as comunidades de Santa Maria o programa já foi incorporando um formato diferenciado e de acordo com a proposta pretendida.

É comum falarmos de localidades mais carentes em veículos televisivos, de forma que somente questões ligadas a violência ou polêmicas negativas sejam exaltadas. Todos sabem quando uma escola foi invadida, ou um morador de um bairro afastado foi assassinado ou se envolveu no mundo obscuro das drogas. Mas é muito difícil termos conhecimento, através de um programa de televisão, do que as pessoas fazem para a melhoria de suas vidas, que tipo de atividade é desenvolvida e raramente conseguimos saber quais são os sonhos de muitos moradores que batalham por uma vida melhor.

Atualmente, em função da nova conformação social, em que basicamente mediação é substituída pela midiaticização, a violência transforma-se ao mesmo tempo em espetáculo – já que regido pela



lógica midiática – e esquema de contraposição adotado pelos grupos minoritários. (PAIVA, p. 4)

Durante nossas visitas aos bairros mais afastados do centro da cidade, muitas vezes, a realidade poderia ser de um cotidiano violento, e com muitas dificuldades enfrentadas pelos moradores das regiões, mas as características positivas sempre prevaleceram. Mesmo quando ninguém relatava, pudemos perceber que o auxílio a comunidade, bem como, a presença de pessoas entusiasmadas em melhorar a realidade estavam presentes em todos os momentos. Nos depoimentos que gravamos para a composição do programa Fala Comunidade, muitas vezes tivemos a sensação de que não era bem aquele lugar que estava sendo descrito, parecia que o lugar era muito mais bonito, mais humano e mais próximo a tudo que qualquer um busca para sua própria vida.

Para Grego (1997), sabendo pela psicanálise, que a imagem é o que vem para forjar o eu, ou seja, o eu é uma produção imaginária que desconhece sua condição de imagem e busca estabelecer sua unidade de indivíduo por identificação às imagens das coisas visíveis - torna-se inevitável relevar a dimensão do poder da imagem televisiva na constituição da subjetividade. O que possibilita um reflexo positivo na utilização de depoimentos de vida para a transmissão das mensagens ligadas a identidade social de cada região.

Nesta região, foram entrevistados cidadãos de várias faixas etárias e de diversas ocupações, nas localidades escolhidas. Durante o depoimento de Gilmar, líder comunitário, morador da Vila Esperança, em Santa Maria, foi possível perceber o valor que as ações voluntárias têm dentro de qualquer tipo de sociedade. O líder comunitário descreveu suas experiências de vida e falou sobre as dificuldades enfrentadas durante sua gestão junto à comunidade.

O agente comunitário relatou, por exemplo, situações delicadas, envolvendo drogas e violência, assim como a relação com vizinhos, e como os mesmos fazem parte de sua vida. Na entrevista, ele reforçou a necessidade de os moradores se engajarem e, em iniciativas sociais que ajudam a construir uma comunidade em harmonia.

Para Raquel Paiva, apesar de a sociedade estar impregnada pela violência, que tudo destrói, sem deixar rastro, na encruzilhada de opções pela suas ações políticas, os grupos minoritários podem escolher formas de fazer a frente à crueldade apresentada veículos de mídia tradicional. O que pode ser comparado com as atitudes dos líderes comunitários, que representam suas pequenas sociedades e buscam solucionar os



problemas de seus grupos através de métodos que eles mesmos desenvolvem de acordo com suas necessidades. Esse papel de líder social é de extrema importância também para a boa organização de sua sociedade através da hierquização estabelecida e o poder exercido pelos seus representantes nas tomadas de decisões.

O que diferencia uma comunidade que possui um líder comunitário bem engajado pode ser observado no cumprimento de promessas feitas pelos candidatos ou representantes políticos, o líder assume então o papel também de fiscalizador e indicador das dificuldades seu grupo apresenta no cotidiano.

O reconhecimento dos seus valores sociais e utilização do meio televisivo para desenvolver a cidadania é um dos pontos cruciais do empenho desse projeto e reprodução para outros núcleos sociais vigentes. Ainda é muito precária a ascensão dos grupos mais carentes a papéis sociais mais instruídos e capacitante. Nos locais visitados um ponto de encontro que serve como referencial e identidade social é a instituição de ensino.

Na escola existe uma manobra social de atração de pais e alunos e integração das comunidades. Na comunidade da Vila Santa Marta, onde nossa equipe trabalhou durante alguns dias, a escola além de ser um apoio a cidadania através da educação vigente a instituições de ensino público, era também um local para o desenvolvimento profissional em varias áreas. Grupos de estudantes universitários interagiam em quase todos os dias da semana, na escola, dando apoio com serviços pedagógicos, odontológicos, nutricionais, entre outros.

A construção da cidadania transcende os valores primordiais, e em muitos momentos é possível perceber sua ausência com muita nitidez. Apesar do esforço das classes menos favorecidas para alcançar sua dignidade e reconhecimento social, obstáculos simples ainda são capazes de bloquear o caminho, uma simples carteira de identidade é complicada de ser adquirida pela população de baixa renda, que não dispõe do valor monetário necessário para adquiri-la. E o que parece simples torna-se uma barreira para a evolução pessoal e profissional. Um cidadão que não tem um nome, um reconhecimento, não existe para a lei.

Segundo Peruzzo (2002), a educação e a comunicação são responsáveis pela conquista da cidadania, sendo que o processo deve partir dos movimentos populares, de organizações que tenham interesse de beneficiar o coletivo. A televisão ou comunicação em massa então serve como instrumento de difusão e auxilia na transformação social em função do reconhecimento da cidadania. A televisão presta sua contribuição para



que a voz do povo seja um meio que o cidadão pode se ver , perceber suas características e então encontrar uma identificação com os demais.

Portanto, a comunicação popular/comunitária, que inicialmente se valeu de instrumentos simples, de pequeno alcance e artesanais, aos poucos inspirou a apropriação das tecnologias de comunicação, especialmente o rádio, a televisão e mais recentemente a internet. Porém, tão importante quanto o acesso às tecnologias modernas é o fato de a comunicação comunitária ter sabido adaptar-se à conjuntura da década de 1990, caracterizando-se como espaço mais plural para a participação e de respeito às demandas de seus públicos.(PERUZZO, 2002, p. 9)

Através dos meios midiáticos o ator social é guiado por um roteiro com interesses que podem ou não revelar suas realidades. O que enriquece é que em muitos momentos a entrevista televisiva fica a seu critério, porque não é possível intervir no que é empírico e legítimo no que enriquece as mensagens transmitidas pelos seus mediadores, no caso os próprios membros da sociedade em questão. Tanto no processo de inserção de novos valores como os próprios que se codificam na mensagem a participação do público interessado é o que define a recepção do que é veiculado.

Para Simeone, os problemas de um âmbito individual se tornam insuficientes para que haja uma mobilização social. Ele afirma que para que haja uma solução de algum problema é preciso que exista uma ação social realizada através da mobilização da sociedade, e a televisão pode compor esse espaço fragmentado e mostrando para sociedade o que é realizado em cada localidade. E ampliando a possibilidade dessa ação social, na medida, que, o que é cultura característica de uma região não se aplica a outras, mas sua complexidade pode e deve complementar o desenvolvimento em pontos onde essa mobilidade ainda é inexistente.

O espaço televisivo em favor da ação social, a identificação e enriquecimento e valores locais é um instrumento que determina que qualquer um deve ter direito a expor sua voz , suas pretensões, suas realizações, assim como cobrar o que lhe é direito e é esquecido. Essa relação deve acontecer naturalmente, não existindo assim um roteiro que direcione o público a reivindicar ou valorar o que acontece em sua vila, sua comunidade.

Sabemos que é inexistente num programa comunitário o interesse comercial, sendo assim, no espaço ofertado toda e qualquer contribuição se torna valida, pois sua pluralidade e direcionamento sempre serão peculiares em relação a sua recepção.



Mas a questão da mobilização social contemporânea não pode ser vista somente em relação a uma comunicação no âmbito local. Talvez uma das maiores transformações tenha sido a crescente possibilidade de rápida troca de informações, com o desenvolvimento das telecomunicações e da grande mídia. (SIMEONE, 2005, p.4)

O reconhecimento desse espaço televisivo como uma forma alternativa de ampliar a expansão das informações contidas em diferentes universos sociais e que não possuem uma intenção de especulação de valores negativos, só tende a estimular as produções e aberturas de espaços para o desenvolvimento psicológico e social dos moradores dessas regiões. Segundo Peruzzo (2002, p.4):

É no âmbito da educação informal que estaremos enfocando a questão das relações entre comunicação e educação no processo de conquista de cidadania, porém, não a partir do papel da mídia, mas da comunicação que surge em consequência da práxis nos movimentos populares, comunitários e das demais organizações que tenham como estratégia a consecução dos interesses coletivo.

Através de seus relatos podemos entender o funcionamento, as ideologias e carências de seus grupos e assim conseguimos estabelecer um vínculo mais estreito com nossos entrevistados que abriram suas vidas para que outras sociedades pudessem se reconhecer. E para que este espaço se torne um lugar em comum para todos os grupos sociais, é necessário avançarmos na constituição de um espaço livre e condizente com valores que proporcionem a dignidade de cada cidadão. Mostrando o que cada sociedade possui como seus ideais sociais, religiosos, políticos assim como suas particularidades culturais.

O convívio com as comunidades de Santa Maria nos possibilitou compreender vários mecanismos que visam à prática da solidariedade e a união da população, em busca do crescimento. A captação de imagens e descrições dos valores e princípios que cada localidade possui, foi essencial para a composição de um programa que reflita as diferenças sociais e a importância do exercício da cidadania. São desenvolvidos projetos sociais em vários segmentos dessas distintas sociedades, como oficinas, grupos de discussão, apoio psicológico, nutricional, entre outros.

A produção do programa procurou focar com exclusividade todas as atividades realizadas pelos voluntários e líderes comunitários destinando um espaço de relatos de cada realidade e a experiência vivida. O bom andamento de uma comunidade



não depende exclusivamente dos líderes comunitários ou colaboradores, existe um engajamento ativo por um desenvolvimento constante com todos os membros desse círculo social. As famílias estão abertas as iniciativas e aceitam o trabalho constante visando à integração e solução de suas dificuldades.

Através de relatos e descrições de suas realidades é possível que o integrante da comunidade perceba seus avanços, suas dificuldades e reflita seu comportamento diante de outras comunidades locais. A continuidade do programa é de grande importância para a formação de profissionais da comunicação que necessitam da aproximação presencial em locais com realidades diversas e com necessidades que nem sempre podem ser resolvidas de imediato. Firmando nessa relação um ganho recíproco onde os futuros profissionais consigam desempenhar seu papel de divulgação e reconhecimento de muitas realidades, assim como os moradores encontram no programa um local onde podem falar abertamente de suas vidas e quem de fato está contribuindo diariamente para o seu equilíbrio e crescimento pessoal e coletivo.



Referências bibliográficas

GREGO, Musso. TV Comunitária: Uma ação política da imagem. Compós,1997. Disponível em:<http://www.aic.org.br/metodologia/texto_de_avaliacao_do_tvse_por_musso_greco.pdf>. Acesso em 19 de abr. 2009-

PAIVA, Raquel. Política de minorias: comunidade e cidadania. Disponível em: <<http://www.labcom.ubi.pt/agoranet/03/paiva-raquel-politica-de-minorias.pdf>>. Acesso em 17 de abr. 2009

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling- Comunicação comunitária e educação para a cidadania. Compós,2002,Disponível em: <<http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista13/artigos%2013-3.htm>>. Acesso em 15 de abr. 2009.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Revisitando os Conceitos de Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária. Compós, 2006. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0094-1.pdf>>. Acesso em 19 de abr. 2009.-

SIMEONE, Márcio Henriques. Comunicação, comunidades e os desafios da mobilização social. Compós, 2005, Disponível em: <<http://www.unifra.br/professores/rosana/marciohenriques.pdf>>. Acesso em 17 de abr. 2009.